



BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MANGUEIRA DA TORRE - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO MEIO PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Mariana Batista Gomes Trindade¹
Siane Gois Cavalcanti Rodrigues²

RESUMO

Este trabalho visa apresentar as experiências vivenciadas na Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre, projeto de extensão vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em parceria com a Associação de Moradores da Comunidade Mangueira da Torre. Implementado em 2019, esse espaço surge, da mesma maneira que as demais bibliotecas comunitárias, como um equipamento cultural de democratização do acesso aos livros e, para além disso, de estímulo à leitura (Rodrigues, 2024). Nessa perspectiva, os objetivos do projeto, que norteiam suas ações, estão relacionados à ampliação do repertório de leitura dos moradores - visando à formação de leitores literários - , ao desenvolvimento de atividades culturais diversas e à democratização do acesso à literatura, a outras manifestações culturais e à informação, conforme apresentado por Rodrigues (2024). Através da constituição de um amplo e rico acervo, que atualmente soma mais de 4 mil obras, e da mobilização de extensionistas (entre bolsistas e voluntários, sobretudo dos cursos de Letras e Pedagogia), o projeto tem impactado de maneira significativa a localidade ao promover continuamente mediações de leitura, programadas ou não, ao público. Este, vale ressaltar, que constitui-se, em sua maioria, por crianças e adolescentes. As práticas de mediação, em geral, estão interligadas a outras que também fazem parte da rotina da biblioteca, tais como: empréstimo de livros, oficinas culturais, sebos literários periódicos e atividades em parceria tanto com outros projetos de extensão da UFPE, quanto com o Museu do Homem do Nordeste, vinculado à Fundação Joaquim Nabuco/Ministério da Educação. Assim, inserido no cotidiano da comunidade há seis anos, esse projeto configura-se como um espaço de comunicação dialógica, em que os saberes produzidos na instituição universitária e as experiências vivenciadas na comunidade encontram-se, promovendo um ambiente propício não apenas à produção de conhecimento, mas, especialmente, à transformação social.

Palavras-chave: Biblioteca Comunitária, Comunidade, Extensão.

¹ Graduanda do Curso de Letras - Português da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mariana.trindade@ufpe.br;

² Professora orientadora: Titular, Departamento de Letras - UFPE, siane.gois@ufpe.br.

O presente trabalho é resultado de um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Letras da UFPE.



INTRODUÇÃO

O termo “biblioteca comunitária”, segundo Machado (2008), caracteriza um empreendimento social que surge do desejo e da necessidade de um grupo de pessoas em ter acesso à literatura, às práticas de leitura e à informação, visando à emancipação social. Se trata de uma entidade autônoma, que não possui vínculo direto com instituições governamentais, mas que pode se articular a instâncias públicas e privadas locais, sendo gerida por membros da comunidade em que se localiza, e que compartilham, assim, dos mesmos problemas, interesses e cultura.

A Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre (BCMT), projeto de extensão que será discutido no presente trabalho, nasce a partir de um antigo sonho do Presidente da Associação de Moradores da Comunidade Mangueira da Torre, Fabiano Coutinho, que sentia a necessidade de criar um espaço de estímulo à leitura para as pessoas da sua comunidade. Esse desejo concretizou-se em 2019, através de duas vias de articulação: aquela ligada ao Colégio Equipe, uma instituição privada parceira da comunidade, que reformou o prédio da Associação de Moradores, onde a biblioteca funciona; e aquela estabelecida com dois docentes do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - a Profa. Drª. Siane Gois e o Prof. Dr. Clécio Bunzen - que juntos cadastraram a biblioteca como um projeto na Pró-Reitoria de Extensão da referida instituição.

É, então, por meio desta última parceria que a biblioteca em questão diferencia-se das demais bibliotecas comunitárias: ao ser integrada à universidade, foi garantida sua institucionalização e, também, a participação de extensionistas, bolsistas e voluntários de diferentes cursos: das licenciaturas em Pedagogia, Letras e Filosofia, dos bacharelados em Biblioteconomia, Psicologia, Turismo e Ciências Sociais (Rodrigues, 2024, p. 111). A gestão desse espaço, portanto, em vez de ser conduzida exclusivamente por moradores da comunidade - como acontece nas demais bibliotecas comunitárias da cidade do Recife - é feita em parceria com um grupo de extensionistas da UFPE, composto pelos professores coordenadores e pelos graduandos. Assim, a Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre é uma instituição não governamental, que não possui financiamento direto, de forma que o custeio de sua manutenção se dá através da realização periódica de sebos literários pelos extensionistas, de doações e parcerias.



Também é relevante salientar que o espaço localiza-se em uma Zona de Interesse Social (Zeis) no bairro da Madalena, Recife - PE: a Comunidade Mangueira da Torre, que se encontra cercada por prédios de classe média-alta. Observamos assim, no entorno da comunidade, um contraste entre os acessos à moradia, à educação, à literatura, à cultura e à informação. Refletimos, em consonância com Petit (2008, p. 72), sobre a importância da existência de equipamentos culturais como as bibliotecas em bairros marginalizados:

Nesses bairros periféricos não são apenas as construções que estão em más condições, não é somente o tecido social que pode estar em dificuldade. Para muitos que vivem ali, também está danificada a capacidade de simbolizar, de imaginar e, a partir daí, de pensar um pouco por si próprio, em si próprio e ter um papel na sociedade. E a construção psíquica, ou a reconstrução psíquica, revelam-se tão importantes como a recuperação dos bairros. Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.

É necessário evidenciar que compreendemos, assim como a autora, que a atividade de leitura não possui a capacidade de anular violências e desigualdades por si só, mas detém o poder de contribuir para o encaminhamento de crianças, jovens e adultos no sentido do pensamento, abrindo-lhes um leque de possibilidades que apenas é acessível por meio do contato com obras literárias (Petit, 2008).

Percebemos então, com o desenvolvimento dos trabalhos, que as atividades desenvolvidas ao longo dos anos nessa biblioteca possibilitaram significativos intercâmbios culturais entre os envolvidos: tanto os membros da comunidade, quanto os extensionistas. Esse fator afirma sua pertinência enquanto projeto de extensão universitária, que constitui um dos principais pilares de ensino no nível superior da educação brasileira, sendo compreendida como um “espaço de comunicação dialógica que atua como uma via de mão dupla entre o conhecimento produzido na instituição universitária e os saberes oriundos da experiência da comunidade” (BRASIL, 2025, p. 5).

Outro ponto que destaca-se no andamento das ações da biblioteca é a articulação estabelecida com outros projetos de extensão da UFPE e, mais recentemente, com o Museu do Homem do Nordeste, vinculado à Fundação Joaquim Nabuco/Ministério da Educação, e a



Companhia Editora de Pernambuco (CEPE). Através delas, são propostas oficinas e outras atividades culturais, dentro e fora do espaço da biblioteca, que oferecem aos moradores da comunidade uma ampliação de acessos, como será apresentado a seguir.

Através dessas pontes, que vão sendo gradualmente construídas, o projeto vem cumprindo com os seus principais objetivos: a ampliação do repertório de leitura, visando à formação de leitores literários; o desenvolvimento de atividades culturais diversas; e a democratização do acesso à literatura, a outras manifestações culturais e à informação. O presente relato visa, então, apresentar o nosso trabalho, socializando as experiências adquiridas durante esses seis anos de funcionamento.

METODOLOGIA

Este artigo possui caráter exploratório por buscar, como indicado por Gil (2002), promover maior familiaridade com determinada situação. Constitui-se, igualmente, por um caráter descritivo, ao pautar-se no relato das situações observadas a partir das vivências da autora como extensionista voluntária no projeto e, portanto, das experiências adquiridas nessa função.

No que se refere ao desenvolvimento das ações, como dito anteriormente, contamos com a participação dos docentes, que coordenam-o, e dos estudantes, que, a partir das orientações recebidas, conduzem atividades no espaço. É necessário salientar, ainda, que o trabalho desenvolvido pelos extensionistas pode se dar em duas condições distintas: de maneira voluntária, que abarca a maior parte do grupo; ou com bolsa (que atende a poucos), concedida pela Pró-Reitoria de Extensão e pelo programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA). Os horários de funcionamento do espaço, então, são condicionados à disponibilidade dos estudantes envolvidos durante os períodos letivos da universidade, sofrendo alterações a cada semestre. De maneira geral, a biblioteca funciona de terça a sábado, nos períodos da manhã e da tarde. As crianças constituem a maior parte do público que frequenta o ambiente e, por isso, recentemente foi aberto um horário no período da noite, que está em fase de teste, visando aproximar os jovens e adultos da comunidade às práticas leitoras promovidas.





Os trabalhos que esses estudantes realizam estão relacionados à: organização do espaço e do acervo; realização de eventos internos e externos, em diálogo direto com a comunidade; promoção de sebos literários para a arrecadação de fundos voltados à manutenção do projeto; promoção de mediações de leitura com os frequentadores da biblioteca; gerenciamento das redes sociais; registro do acervo midiático e documental; promoção de atividades culturais diversas, incluindo aquelas em parceria com outros projetos e instituições. Vale ressaltar que todas essas atividades são, inicialmente, pensadas em grupo, posteriormente, planejadas e, por fim, aplicadas. Para orientação e fundamentação das práticas de mediação de leitura - nossa principal atividade - os extensionistas participam, periodicamente, de cursos de formação ofertados por professores e ex-extensionistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

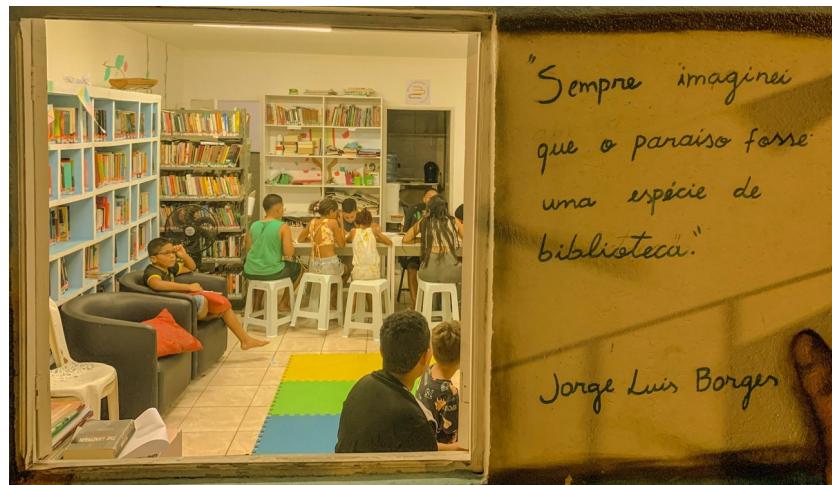
Os impactos do projeto podem ser observados em duas perspectivas principais: o estreitamento dos laços dos frequentadores com a leitura e o fortalecimento de uma formação docente mais crítica dos extensionistas que atuam no espaço.

No que tange à comunidade, observou-se, ao longo dos anos, um aumento no interesse das crianças (principais frequentadoras) pela leitura. Esse fato se deu por meio das estratégias desenvolvidas e aplicadas para chamar a atenção delas para os livros: a leitura de obras em voz alta, a realização de mediações improvisadas; a programação de mediações com brincadeiras ou atividades de pintura e colagem relacionadas à obra. Assim, concordamos com Petit (2008, p. 148) ao defender que o iniciador ao livro desempenha um papel-chave na relação que o leitor estabelecerá com as obras literárias, acompanhando o seu percurso. Também conectamos nossas práticas de estímulo à leitura a um outro destaque que a autora faz mais adiante no texto “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva”:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial (Petit, 2008, p. 158).



Para ilustrar, trazemos, então, dois registros interessantes: o primeiro, apresenta uma mediação individual de leitura, enquanto o segundo retrata uma cena comum na biblioteca, a reunião de crianças para realizar leituras individuais e coletivas. Outro fator que enfatizamos é o fortalecimento, nessa dinâmica, das relações interpessoais que elas estabelecem umas com as outras e com os extensionistas.



Fonte: Acervo da Biblioteca, 2025.



Fonte: Acervo da Biblioteca, 2025.



Acrescentamos, também, a relevância dos vínculos estabelecidos com outros projetos e instituições para uma boa integração dos sujeitos às práticas de leitura. Nesse sentido destacaram-se, nos últimos dois anos, as ações promovidas pelo Museu do Homem do Nordeste, que proporcionou visitas ao seu espaço, exibições de filmes, formações para os extensionistas e

atividades culturais temáticas - como o São João e o Natal -, e pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe Editora), parceria mais recente, que vem desenvolvendo um trabalho voltado à promoção de oficinas de arte reciclada tanto para os extensionistas quanto para os moradores da comunidade.



Fonte: Acervo da Biblioteca, 2025.

A universidade, por sua vez, ao institucionalizar um projeto como esse, distancia-se de uma perspectiva de transmissão vertical do conhecimento. Segundo essa vertente de pensamento, aos projetos de extensão universitária caberia o papel de único detentor do conhecimento, devendo transmiti-lo à sociedade, “desconhecendo a cultura e o saber popular”, como afirmado por Gadotti (2017, p.2). Aproxima-se, então, de uma visão que proporciona a comunicação e o compartilhamento dos saberes, que permite não apenas a socialização do conhecimento produzido na academia mas, especialmente, uma produção científica pautada na realidade social em que se





insere. Nessa mesma perspectiva, com relação aos extensionistas, compreendemos, assim como Rodrigues (2024, p. 119), que a atuação em um projeto como a Biblioteca Comunitária Inez Fornari Mangueira da Torre incentiva, essencialmente, a formação cidadã daqueles que o fazem, como afirmado:

[...] É, assim como a sala de aula, oportunidade viva, pulsante, de mudar alguma coisa no mundo. Lugar em que a malfadada queixa segundo a qual as escolas brasileiras, em geral, não formam leitores literários, dá lugar à ação, à chance de testemunhar a maneira como as crianças vão, pouco a pouco, criando intimidade com os livros, fazendo deles parte de suas rotinas. Lugar igualmente em que alunos e alunas da universidade pública dão à sociedade o retorno do investimento recebido, atuam na formação de leitores e formam-se, também, enquanto leitores não apenas de livros, mas do mundo, como muito bem disse o nosso mestre Paulo Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, pensamos que este projeto de extensão afirma sua relevância em duas perspectivas distintas: a que se volta para a dimensão formadora e transformadora das práticas docentes, os extensionistas que por ela passam, e das práticas de extensão, no âmbito institucional da UFPE; e a que impacta diretamente a comunidade Mangueira da Torre, ao proporcionar, enquanto equipamento cultural, a facilitação dos acessos à literatura, a outras formas de cultura e à informação. Como destacado ao longo do trabalho, ao proporcionar um intercâmbio cultural, a biblioteca intensifica o contato com a literatura, facilitando as práticas de leitura e, assim, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico dos sujeitos envolvidos, promovendo o direito à palavra e à informação. Para os extensionistas, por sua vez, o projeto possibilita uma ampliação na formação inicial docente, integrando os licenciandos à vivência de formação integral, na qual o aprendizado ocorre na escuta, na convivência e na ação compartilhada.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Extensão em participação social - Documento de referência.** Brasília, DF, 2025.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária: Para quê?** São Paulo, SP: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/Extensão_Universitária_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil.** 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.27.2008.tde-07012009-172507. Acesso em: 2025-10-17.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. **Tramas de minha formação docente.** Memorial Acadêmico de Progressão Docente. Recife: UFPE, 2024.